

MEMORIAL DO CONVENTO: FATO E A FICÇÃO NO ROMANCE HISTÓRICO

Rubia Fernandes¹
Carmen Sílvia De George²

Resumo: Este trabalho pretende analisar como se estabelece o diálogo entre a ficção e a história no romance histórico *Memorial do Convento*, do escritor português José Saramago, publicado no ano de 1982. Nesse romance, que foge ao padrão do romance histórico tradicional, a narrativa, contextualizada no reinado de Dom João V, durante a construção do Convento de Mafra, no início do século XVIII, é feita sob o prisma das personagens que representam os possíveis trabalhadores que edificaram o Convento, personagens reais, mas que tiveram seus nomes esquecidos pela História. Objetiva-se, em especial, proceder-se à análise das personagens ficcionais do romance, posto que se apresentam como antagônicas às personagens históricas.

Palavras-chave: Romance Histórico. Personagem de Ficção. Memorial do Convento.

Abstract: This work intends to analyze how the dialogue between fiction and history is established in the historical novel *Memorial do Convento*, by the Portuguese writer José Saramago, published in the year 1982. In this novel, which escapes the standard of the traditional historical novel, the narrative, contextualized in the reign of Dom Joao V, during the construction of the Mafra Convent in the early 18th century, is made under the prism of the characters who represent the possible workers who built the Convent, real characters, but whose names were forgotten by history. In particular, we aim to analyze the fictional characters of the novel, since they present themselves as antagonistic to historical characters.

Keywords: Historical novel. Fiction Character. Memorial do Convento.

1 INTRODUÇÃO

Alguns, inadvertidamente, ao pensar em romance histórico, acreditam que a narrativa reproduz, fielmente, os fatos de um momento histórico real. Como se o autor transpusesse para a narrativa um recorte da história.

Entretanto, na narrativa de Saramago, percebe-se que o romance histórico contemporâneo, advento do séc. XX, traz uma releitura do fato histórico, não é mais que uma reconstrução, sob o olhar de alguém, no presente, de um episódio ocorrido no passado, mas, jamais, um recorte, na íntegra, da história.

¹ Acadêmica do Curso de Letras – Habilitação Plena em Português/Inglês e respectivas Literaturas na Sociedade Educativa e Cultural Amélia – Secal. rubiafer10@hotmail.com

² Especialista em Gestão Escolar pela Universidade do Sul de Santa Catarina. Professora das Disciplinas de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas em Língua Portuguesa do Curso de Letras da Sociedade Educativa e Cultural Amélia – Secal. carmendegeorge@hotmail.com

Este estudo, primeiramente, abordou as características do romance histórico, ancorando-se nos estudos de Lukács (2011)³.

Posteriormente, utilizou-se da obra de Brait (1985)⁴ para estabelecer a natureza da personagem de ficção, bem como, da obra de Candido (1976)⁵.

E, finalmente, procedeu-se a análise da forma como Saramago estabeleceu o diálogo entre o fato e ficção, no romance *Memorial do Convento*⁶, bem como, analisou-se as personagens de ficção em contraposição às personagens históricas, tendo como amparo a obra de Carlos Reis (1986)⁷.

2 OBJETIVOS

Este trabalho objetiva:

- Averiguar como José Saramago estabelece o diálogo entre o fato e a ficção no romance *Memorial do Convento*.
- Analisar as personagens ficcionais do romance em contraposição às personagens históricas.
- Refletir sobre como as personagens esquecidas pela história ganham voz narrativa.

3 METODOLOGIA E ANÁLISE DO FATO E DA FICÇÃO EM MEMORIAL DO CONVENTO

Utilizou-se da pesquisa bibliográfica como meio para desenvolver este estudo que ainda se encontra em andamento.

A narrativa do romance *Memorial do Convento*, do escritor José Saramago, tem como contexto histórico o período de construção do Convento de Mafra, em cumprimento à promessa feita pelo rei D. João V, caso sua esposa, a rainha Dona Maria Ana Josefa lhe desse um herdeiro:

³ LUKÁCS, György. **O Romance Histórico**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012.

⁴ BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

⁵ CANDIDO, A. et alii, **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

⁶ SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. São Paulo: Bertrand, 2012.

⁷ REIS, Carlos. **Memorial do Convento ou a emergência da história**. Revista de Ciências Sociais. n. 18/19/20, p. 91-103, fev. 1986.

Então D. João, o quinto do seu nome, assim assegurado sobre o mérito do empenho, levantou a voz para que claramente o ouvisse quem estava e o soubessem amanhã cidade e reino, Prometo, pela minha palavra real, que farei construir um convento de franciscanos na vila de Mafra se a rainha me der um filho no prazo de um ano a contar deste dia em que estamos, e todos disseram, Deus ouça vossa majestade, e ninguém ali sabia quem iria ser posto à prova, se o mesmo Deus, se a virtude de frei Antonio, se a potência do rei, ou, finalmente, a fertilidade dificultosa da rainha.⁸

A obra em questão é caracterizada como romance histórico, entretanto, para evitar-se o equívoco de considerá-lo como uma reprodução fiel de um fato ocorrido, em um determinado período da história, convém reportar-se às palavras de Lukács: “No romance histórico, portanto, não se trata do relatar contínuo dos grandes acontecimentos históricos, mas do despertar ficcional dos homens que os protagonizaram”⁹.

Nesse viés, também é necessário estabelecer a natureza da personagem na narrativa para que não seja entendida como uma pessoa real, mas como a representação de uma pessoa:

[...] o problema da personagem é, antes de tudo, um problema lingüístico, pois a personagem não existe fora das palavras; As personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção. Na aparente simplicidade desses dois enunciados residem os núcleos essenciais da questão. Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a “vida” desses seres de ficção. E somente sob essa perspectiva, tentativa de deslindamento do espaço habitado pelas personagens, que poderemos, se útil e se necessário, vasculhar a existência da personagem enquanto representação de uma realidade exterior ao texto.¹⁰

Contextualizado no ano de 1711, Saramago estabelece um fato histórico, a construção do Convento de Mafra e as personagens históricas envolvidas em diálogo com a ficção, revelando aquilo que poderia ter acontecido, aquilo que poderia ter sido dito se aqueles que a História esqueceu, os operários que erigiram o Convento, tivessem voz e representação.

O romance revela que as personagens ficcionais são representadas de forma antagônica às personagens históricas, como se pode perceber nas personagens

⁸ Ibidem, p. 14.

⁹ LUKÁCS, György. **O Romance Histórico**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012.

¹⁰ BRAIT, BETH. **A Personagem**. São Paulo: ÁTICA, 1985.

principais do romance, Baltazar Matheus e Blimunda de Jesus, ambos pobres plebeus, que viviam uma relação plena de amor e harmonia, em contraposição às personagens históricas Dom João V e sua esposa Dona Maria Ana Josefa, cuja relação conjugal não era fundamentada em laços de amor e companheirismo, pois fora um casamento arranjado por questões políticas.

É possível perceber esse antagonismo, também, no mundo repleto de vaidades e mesquinharias representado pela realeza portuguesa, em especial, na figura de Dom João V que, a despeito do sofrimento e morte de muitos operários, pensa apenas na realização de seus desejos, em contraposição ao mundo de sofrimento e privações dos operários que construíram o Convento de Mafra.

Esses operários, os esquecidos pela História, são representados, no romance, por Blimunda e Baltazar.

Blimunda de Jesus e Baltazar Matheus são a voz dos esquecidos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse romance, caracterizado como histórico por relatar acontecimentos relativos à construção do Convento de Mafra, que teve início, no ano de 1711, durante o reinado de Dom João V, Saramago estabeleceu um diálogo entre a História e ficção, ao entrelaçar, na narrativa, fatos históricos e ficcionais.

Ao lado de personagens históricas, o autor deu vida a personagens de ficção, contando aquilo que poderia ter sido, desprendido da narrativa fiel ao fato histórico, mas, como é próprio do romance histórico contemporâneo, revelando o despertar ficcional daqueles que o protagonizaram.

O autor utilizou-se, na representação das personagens, do antagonismo entre as históricas e as de ficção, em especial, na relação entre o Rei de Portugal e sua esposa e o casal de Plebeus, Blimunda e Baltazar.

Por fim, considerou-se, após a análise, que Blimunda e Baltazar simbolizam, no romance, aqueles que foram esquecidos, que sequer foram mencionados nos registros históricos da construção do Convento de Mafra.

5 REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. et alii. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BRAIT, BETH. **A Personagem**. São Paulo: ÁTICA, 1985.

LUKÁCS, György. **O Romance Histórico**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

REIS, Carlos. **Memorial do Convento ou a emergência da história**. Revista de Ciências Sociais. n. 18/19/20, p. 91-103, fev. 1986.

SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. São Paulo: Bertrand, 2012.